

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO / UAB
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA**

LUCIENE ABADIA RIBEIRO RODRIGUES

**MEMORIAL ACADÊMICO
APRENDER A ENSINAR**

**ARAXÁ / MG
2021**

LUCIENE ABADIA RIBEIRO RODRIGUES

**MEMORIAL ACADÊMICO
APRENDER A ENSINAR**

Trabalho apresentado ao Curso de Pedagogia a Distância da FAGED/UFU como exigência para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Irene de Miranda

ARAXÁ – MG, 2021.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, aos meus pais, meus irmãos, meu esposo Gleidiçon e minhas filhas Pyetra e Nanda. Dedico também a todo o corpo docente e discente do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia, a qual sou muito grata por fazer parte.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ser presença real em minha vida e guiar meus passos até aqui.

Aos meus pais Luiz e Aparecida por me darem a base da minha educação e por serem meus maiores exemplos de força e determinação.

Ao meu esposo Gleidison, grande incentivador da minha trajetória e sonha comigo os meus sonhos. Obrigada por tanto amor.

A minha filha do coração Pyetra pelo amor e confiança que deposita em mim.

A minha filha Nanda por todo carinho e compreensão nos momentos de ausência. Por ser tão especial e minha maior fonte de inspiração.

As minhas irmãs Lucília e Lucimar, professoras excepcionais que me motivaram a percorrer o mesmo caminho.

Ao meu irmão Luciano, companheiro de alfabetização, por sempre me apoiar.

Aos meus cunhados, cunhadas e minha sogra, por toda torcida.

A todos os meus familiares pelo apoio.

Aos colegas pelo companheirismo ao longo do curso.

A minha tutora Rita por tanta dedicação, carinho e exemplo de mestre, peça fundamental para que conseguisse chegar até aqui.

A minha orientadora Profa. Dra. Maria Irene Miranda por compartilhar de maneira tão generosa todo seu conhecimento, por toda sua disponibilidade e atenção.

A amiga Emanuele por todo suporte.

E aos amigos e colegas de trabalho que sempre estiveram por perto torcendo por mim, em especial a Eliana pela indicação do curso.

RESUMO

Este trabalho explana sobre as dificuldades de aprendizagem na alfabetização, analisando os fatores que podem contribuir para o surgimento de tais dificuldades na vida escolar. O trabalho foi elaborado em duas partes, a primeira um memorial acadêmico que tem o objetivo de trazer reflexões sobre os acontecimentos históricos, tanto acadêmicos como profissionais e suas influências na formação do profissional pedagogo. Na segunda parte o tema é tratado sob a perspectiva de autores que são referências para o assunto. Tem como objetivo identificar as dificuldades de aprendizagem que se manifestam nesse processo de alfabetização e compreender como a atuação do professor pode auxiliar os alunos na aprendizagem. Traz uma análise sobre como os desafios podem ser superados e conseguir avançar no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, com a atuação do professor alfabetizador comprometido com o processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Dificuldades de aprendizagem. Aluno. Alfabetização. Professor.

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO	7
2. DESENVOLVIMENTO.....	9
2.1 Minha infância e minhas vivências.....	9
2.2 A escola e suas marcas.....	10
2.3 A importância do professor.....	12
2.4 A pedagogia me escolheu	13
3. OS DESAFIOS DE APRENDER E ENSINAR NA ALFABETIZAÇÃO.....	15
3.1 O processo de alfabetização: concepções e características.....	16
3.2 Dificuldades de aprendizagem na alfabetização	19
3.4 A atuação do/a professor/a alfabetizador/a.....	211
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	233
5. REFERÊNCIAS	244

I. INTRODUÇÃO

Esse é um trabalho de conclusão do curso (TCC) de Pedagogia à distância da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (FACED/UFU). A construção deste trabalho proporcionou-me um importante momento de reflexão sobre a minha formação acadêmica, possibilitando-me uma análise dos conhecimentos construídos ao longo do curso com suas abordagens teórico-metodológicas, inter e transdisciplinares, contribuindo, assim, para o meu processo de aprendizado.

O Trabalho de Conclusão de Curso é documento acadêmico obrigatório para a fase final de formação do estudante, sob orientação de um professor que integra o corpo docente da universidade, de acordo com regulamentos e procedimentos dentro das normas oficiais do país como a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas).

Assim sendo, e considerando que o TCC é um marco importante para o desenvolvimento acadêmico, estando intimamente relacionado a formação profissional, este trabalho é resultado dos conhecimentos construídos ao longo do Curso de Pedagogia. Minha intenção, além de compartilhar com clareza e objetividade minha capacidade de exercer profissionalmente a Pedagogia, é atingir de forma plena e legítima a minha formação como profissional, pesquisando, analisando e criando resultados.

A produção deste TCC foi organizada em forma de memorial, com o objetivo de relatar de maneira crítica e reflexiva minha trajetória acadêmica em meio às minhas memórias e recordações, contribuindo para minha formação profissional. Tais reflexões podem trazer à tona qual era o foco antes da formação, se ainda continua o mesmo e quais as mudanças ocorreram durante todo o processo acadêmico.

Desta forma, é importante ressaltar que um Memorial é um texto narrativo e descritivo que objetiva refletir e analisar acontecimentos históricos, sejam eles acadêmicos ou profissionais. Sendo assim, neste trabalho estão reflexões acerca da minha autobiografia acadêmica. De acordo com Oliveira (2012) o memorial é:

[...] documento escrito relativo à lembrança, à vivência de alguém; memórias. Deve conter um breve relato sobre a história de vida pessoal, profissional e cultural do memorialista; por isso mesmo é escrito com o uso da primeira pessoa” (OLIVEIRA, 2012, p. 121).

Minha intenção é que o presente trabalho, mesmo sendo uma produção subjetiva, não se torne simplória ou incoerente, para que seja possível revelar meu conhecimento da

Pedagogia. Nesse sentido, sobre o memorial Rego (2014) esclarece que: “não se trata de um gênero simples, mas sim, o memorial estabelece entre o autor e o leitor uma série de mediações e filtros singulares” (REGO, 2014, p. 791).

Este trabalho está organizado em duas partes: a primeira é minha autobiografia, onde apresento a minha trajetória resgatando as histórias que foram marcantes em minha vida em diversas áreas como escola, família, campo de trabalho e relacioná-las com o atual momento que estou vivendo como estudante do curso de Pedagogia.

Sinto-me privilegiada por estudar em uma Universidade tão importante, depois de uma seleção bem acirrada, o que me faz valorizar ainda mais a realização deste curso. Fazer este Memorial contribuiu muito para minha formação, esclarecendo muitas dúvidas, revelando a realidade social e acadêmica e proporcionando momentos de reflexões sobre as disciplinas realizadas ao longo do curso; e ainda me fez buscar o melhor de mim em função da profissão que desejo exercer.

A segunda parte do trabalho apresenta o referencial teórico que embasa as discussões e considerações acerca da minha temática de estudo, a qual se refere a alfabetização. Nesta parte aprofundi sobre as experiências vividas ao longo do curso em todas as disciplinas e como elas contribuíram para estudos e reflexões sobre os problemas de aprendizagem na alfabetização, enfrentados no dia a dia tanto por professores como por alunos.

Por fim, a realização desse TCC é, antes de ser uma realização profissional, uma conquista pessoal, de uma mulher que ao longo dessa jornada acadêmica, nesta importante Universidade de renome nacional, cresceu culturalmente, podendo hoje, muito mais seguramente, debater, criticar, escolher, ponderar e acompanhar de perto a evolução dos caminhos percorridos pela pedagogia brasileira. Com a conclusão do curso, a partir dos conhecimentos construídos, pretendo atuar ativamente para mudanças no ensino do nosso país.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Minha infância e minhas vivências

Em sua autobiografia de infância, *L'Odeur du café (o cheiro do café)*, Dany Laferrière, descreve por meio de fragmentos sua visão das experiências que viveu durante essa fase da sua vida:

[...] meu trabalho não consiste em dizer os fatos, mas preferencialmente em fazer surgir a emoção de uma situação. Para mim, é a verdade da emoção que conta, e nada mais. [...] trata-se somente de mim, e é desta forma que tenho uma chance de interessar os outros. Quanto mais escrevo próximo de meu coração, mais risco de tocar o universal (LAFERRIÈRE, 2000, p.36).

Para descrever esse memorial visito as minhas memórias carregadas de emoções que transcrevem não somente a minha infância como também o meu presente, como elas contribuíram para a pessoa que sou hoje e para minha constante transformação. Faço uma análise de como olhar que possuo sobre a vida começou a ser lapidado desde as minhas primeiras interações com o mundo. Revisito minha infância com detalhes que, mesmo não entendendo muito bem o motivo, são muito importantes para mim e tocam meu coração.

Nasci em 1982 em Tapira, uma cidade do interior de Minas Gerais, sou a terceira filha de quatro irmãos, minha casa era um lugar muito simples, com um grande quintal, muitas árvores e bastante espaço para brincar e explorar, estava sempre cheia de amigos e dos meus numerosos familiares (avós, pais, tios, primos, irmãos) e tudo era motivo para festas e celebrações, continuando assim ainda nos dias de hoje.

Meu pai Luiz trabalhava o dia todo como topógrafo em uma mineradora, chegava do trabalho trazendo um lanche que havia recebido da empresa para que pudéssemos comer juntos, na maioria das vezes pão francês, uma novidade para os meus irmãos (Lucimara, Luciano, Lucília) e eu que não tínhamos esse tipo de “iguaria” em nossa cidade. Sempre admirei meu pai fazendo contas, para mim ele era um expert em matemática, mesmo não tendo concluído o ensino médio, e sempre recorria a ele para ajudar nas tarefas dessa matéria.

Minha mãe Aparecida trabalhava como cantineira na escola que eu estudava, extremamente dedicada ao trabalho e amava o que fazia, sua comida era deliciosa, todos na escola gostavam muito dela, fazia as melhores roscas da cidade toda. Ela sempre se dedicou a fazer o melhor por nós e cobrava que fôssemos alunos dedicados para que pudéssemos nos formar ter uma profissão, visto que ela não teve a mesma oportunidade cursando somente até a quarta série do ensino fundamental. Lembro que na segunda série fiz uma redação na aula

da professora Lucimar, que era muito brava, quando ela foi corrigir a minha atividade pegou o meu caderninho e saiu da sala dizendo que iria mostrar para minha mãe, fiquei apavorada pensando que havia feito algo de errado, quando encontrei minha mãe ela estava toda orgulhosa dizendo que minha professora mostrou meu caderno diante de todas as suas colegas e as funcionárias da secretaria, elogiando e dizendo que eu havia feito um ótimo trabalho. Recordo-me como se fosse hoje de ver o orgulho estampado no rosto de minha mãe.

No meu bairro brincávamos livremente nas ruas, bons tempos em que a preocupação era somente ir para escola e os horários para voltar pra casa. Inúmeras eram as brincadeiras: queimada, piques, futebol, amarelinha, derrubar latinhas com a bola, sete corta, pular corda, “capelar figurinhas”, salva bandeiras, subir em árvores, brincar de casinha, escolinha, boneca, etc. Sempre fui uma criança cheia de energia, vivia descalça correndo pelas ruas. Tive grandes amizades na infância que me acompanharam a vida toda, com alguns estudei por quatorze anos até concluirmos o ensino médio, mantenho contato com muitos deles até hoje, são pessoas realmente importantes para minha formação.

A brincadeira sempre fez parte da minha vida, minha família vive em meio a jogos dos mais variados tipos como baralho, tabuleiro, dominó, vídeo games, havia até mesmo uma competição de amarelinha na casa da minha avó onde todos participavam juntos, adultos e crianças. Muitos eram os passeios para fazendas, cachoeiras e acampamentos o que proporcionava descobertas, experiências, aprendizados. O contato com a natureza, animais e com a vida rústica e simples do campo fazia parte do meu cotidiano.

2.2 A escola e suas marcas

Trago boas recordações de meus professores, lembro o nome de todos eles, cada um com suas características, uns mais calmos, outros mais rígidos, mas todos contribuíram de maneira significativa para minha formação. Minha professora Deile, do pré-escolar, foi uma pessoa bem marcante na minha trajetória, sempre muito doce, meiga, tão bonita, todos queriam ser como ela, transmitia tranquilidade e confiança, tornando o processo de alfabetização prazeroso, tanto que aprendi a ler e escrever rapidamente, não somente eu como também grande parte da sala. Inspiro-me muito na sua postura de tratar todas as crianças de maneira respeitosa e forma igualitária, tudo o que fazíamos era importante e tinha relevância para ela. O aprendizado era construído de maneira conjunta e participativa.

Foram muitos momentos marcantes na minha trajetória escolar, minha formatura do pré-escolar, as festas juninas, as peças teatrais, as aulas de literatura, o convívio com os funcionários da escola, o medo do diretor, as aulas de educação física, o tão esperado momento de chegar à quinta série, os livros da biblioteca. A lembrança negativa que tenho é da minha professora da primeira e segunda séries do ensino fundamental, ela ficou na minha turma por dois anos consecutivos, uma pessoa muito rígida, autoritária, falava muito alto, estava sempre gritando e até mesmo a forma de colorir tinha que ser do jeito dela. Não havia espaço para diálogos e interação, quando tinha brincadeira era de forma dirigida.

Na terceira série comecei a estudar com meu irmão Luciano, dois anos mais velho que eu, que estava repetindo de série por duas vezes por sua dificuldade de aprendizagem, principalmente em português. Pude acompanhar de perto o seu esforço para aprender e sua luta diária para superar esse desafio. Meu irmão sempre foi esperto, inteligente, com muitas habilidades esportivas, mas encontrava uma grande dificuldade para conseguir ler e escrever, falava errado e escrevia da maneira que falava. Teve acompanhamento com especialistas fora da escola, mas revisitando minhas recordações percebo que os professores naquela época não estavam preparados para lidar com essa situação. Sentia que a responsabilidade era transferida para ele, por não conseguir aprender da maneira pretendida pela escola, o que tornou meu irmão em uma criança tímida e que não gostava de falar em público com medo da reação das pessoas. O que me alegra é que ele conseguiu superar todas as dificuldades enfrentadas e transformou seus obstáculos em garra para conquistar seus objetivos. Eu que nunca tive nenhuma dificuldade na escola, só agora estou fazendo meu primeiro curso de nível superior. O Luciano mesmo com os diversos problemas de aprendizagem há mais de 15 anos, possui duas formações de nível técnico e uma de nível superior, um grande profissional da área de agronomia.

Na tão sonhada chegada à quinta série eu comecei a ter aulas de português, matemática, ciências, história, geografia, literatura, artes e educação física. Cada professor tinha uma maneira diferente para trabalhar a sua matéria, uns mais dinâmicos, outros mais conservadores, porém todos usavam livros didáticos que eram emprestados e tinham que ser devolvidos ao final do ano, por isso copiava toda a matéria no caderno, um processo muito chato e cansativo. A professora Elba de Geografia e História destaca-se dos demais por ser moderna e trazer uma abordagem totalmente diferente dos outros em suas aulas, que eram trabalhadas de maneira inter e transdisciplinar, abordando vários temas ao mesmo tempo de maneira prazerosa e que despertava o interesse de todos. Com onze anos tive que conciliar os

estudos com o trabalho na padaria de uma tia materna, onde fiquei por quatorze anos. Apesar das dificuldades e das restrições de horários para demais atividades, aprendi muitas lições para vida toda.

Aos 15 anos, em 1997 concluí o ensino fundamental e fizemos uma viagem de três dias à cidade de Capitólio, foram dias de muita curtidão e que marcaram tanto a minha vida como de meus colegas.

Ao ingressar no ensino médio, logo comecei a namorar o Gleidiçon (hoje meu marido, vinte e três anos de muito amor, companheirismo, amizade e aprendizado, meu maior incentivador e um grande exemplo de busca pelo conhecimento) e tive o prazer de conviver e fazer parte do crescimento da minha enteada Pyetra, uma filha para mim. Nos anos 2000 concluí a última etapa da educação básica e somente em 2018, aos 36 anos ingressei no ensino superior.

2.3 A importância do professor

Entendo que todas essas lembranças são de fundamental importância para minha formação acadêmica e profissional, pois recordar (do latim *recor*, “lembrar-se, trazer à mente”, de *re-*, “de novo”, mais *cor*, “coração”, para os romanos o coração era a sede da memória) é um exercício que nos faz resgatar as nossas memórias, levá-las ao coração e descobrir o que sentimos com cada uma delas. Daí a importância de estar sempre atenta à maneira de como vou conduzir a minha prática profissional, entender o quanto meu jeito de agir pode trazer impactos positivos e/ou negativos na vida de uma criança. É algo para ser levado muito a sério, várias vezes me deparo com profissionais da educação totalmente despreparados e que tratam as crianças como se não pudessem recordar desses momentos posteriormente. Devemos ter a consciência do tamanho da responsabilidade que temos em nossas mãos e que traumas na educação infantil podem acarretar uma série de transtornos na vida adulta da criança.

Tudo o que relatei traz uma reflexão sobre a docência e a sua importância na vida dos alunos, da ação de ensinar e que não existe processo de ensino sem o aluno. É uma profissão “mágica” que existe para mediar o conhecimento do outro. Antes de qualquer coisa é preciso que o aluno nos ensine como ele aprende, criando uma mútua relação de ensino e aprendizagem para estabelecer uma convivência.

Os alunos com dificuldades de aprendizagem são para mim motivo de grande preocupação. Para atender estes alunos em suas necessidades considero que o professor precisa trabalhar em equipe e buscar novos conhecimentos para favorecer a formação da criança e a construção de seu futuro na sociedade.

Quando exercemos nossa função de professor estamos aprendendo a ensinar, o contato com os alunos, as experiências da sala de aula, as dificuldades e desafios do dia a dia nos tornam educadores. Precisamos ter a consciência de que somos referência para nossos alunos e que podemos impactar lembranças positivas ou negativas por meio da maneira como desempenhamos nosso papel.

2.4 A pedagogia me escolheu

Concluí o ensino médio no ano 2000, não prossegui com os estudos por vários motivos, dentre eles a dificuldade financeira. Em 2014 nasceu minha filha Nanda, um raio de luz na minha vida e que me faz acreditar ainda mais na Educação como um meio de transformação e de desenvolvimento do ser humano.

Após dezoito anos, decidi que deveria tentar novamente fazer um curso universitário, digo novamente, pois prestei vestibular na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) para o curso de Educação Física no ano 2000 e na oportunidade não consegui ser aprovada. Pesquisei diversas faculdades à distância para o curso de Letras com a pretensão de ser professora de alunos do ensino médio, escolhi, fiz a inscrição para a prova. Logo após tomei conhecimento do vestibular que seria ofertado pela UFU, um sonho antigo que poderia ser realizado, estudar em uma Universidade Federal. No momento de realizar a inscrição para este processo seletivo observei que a prova para o curso de Letras teria questões de inglês, meu ponto fraco, resultando assim a escolha pelo curso de Pedagogia, porém sem muito entusiasmo. Realizei a prova e grande foi a minha surpresa ao ver meu nome na lista dos aprovados, a felicidade tomou conta de mim.

Comecei o curso sem grandes expectativas, mas muito satisfeita por estar na UFU, mas logo no início quando estudei Comenius que ao escrever a Didática Magna afirmou que “cumpre-nos agora demonstrar que nas escolas é preciso ensinar tudo a todos”(COMENIUS, 1621-1657, p.95), apaixonei-me pelo curso e nesse momento a Pedagogia me escolheu, me mostrando novos conceitos sobre educação e escola abrindo um verdadeiro horizonte de possibilidades quando o assunto era ensino e aprendizagem. Percebi também que teria um

longo caminho pela frente, de muito estudo e dedicação para compreender tantas descobertas ao longo do curso poder assimilar e conseguir transformar minhas ações. O fato de poder levar a educação para as crianças e ser um diferencial na vida delas tem me motivado a aproveitar ao máximo todo o aprendizado proposto ao longo desses quatro anos.

Nessa perspectiva Freire (1997) afirma que:

O aprendizado do ensinante ao ensinar não se dá necessariamente através da retificação que o aprendiz lhe faça de erros cometidos. O aprendizado do ensinante ao ensinar se verifica na medida em que o ensinante, humilde, aberto, se ache permanentemente disponível a repensar o pensado, rever-se em suas posições; em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e os diferentes caminhos e veredas que ela os faz percorrer. Alguns desses caminhos e algumas dessas veredas, que a curiosidade às vezes quase virgem dos alunos percorre, estão grávidas de sugestões, de perguntas, que não foram percebidas antes pelo ensinante. Mas agora, ao ensinar, não como um burocrata da mente, mas reconstruindo os caminhos de sua curiosidade – razão por que seu corpo consciente, sensível, emocionado, se abre às adivinhações dos alunos, à sua ingenuidade e à sua criticidade – o ensinante que assim atua tem, no seu ensinar, um momento rico de seu aprender. O ensinante aprende primeiro a ensinar, mas aprende também ao ensinar algo que é reaprendido por estar sendo ensinado. (FREIRE, 1997, p. 19).

Realizar o Curso de Pedagogia a Distância da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia e ter a oportunidade de refletir sobre minhas memórias de infâncias estão me revelando as possibilidades de aprender a ensinar, superando concepções conservadoras, segundo as quais o professor fala e o aluno escuta. Hoje compreendo que a docência vai além do ensinar, envolve também o aprender, tanto do professor como do aluno. Sendo assim, a práxis docente precisa estar orientada pelo desejo discente de saber e pelo direito de acesso ao conhecimento, logo os procedimentos didático-pedagógicos devem ser pautados em atividades significativas e interessantes.

Não podemos desistir de ensinar e nem de aprender. Problemas na aprendizagem não podem ser empecilhos para que o aluno alcance seus sonhos e objetivos, portanto cabe ao professor aprender a ensinar a todos os alunos, conforme suas demandas e realidade social, cognitiva e afetiva.

Uma vez situado o meu percurso formativo e meu interesse na docência enquanto ensinante e aprendente, a próxima seção abordará o referencial teórico que respalda a discussão dessa temática, constituída ao longo de minha história acadêmica.

3.OS DESAFIOS DE APRENDER E ENSINAR NA ALFABETIZAÇÃO

O ser humano é, cientificamente, o animal que mais evolui ao longo da história do mundo. E isso se dá pela incrível capacidade de aprendizado proporcionada pela elasticidade cerebral que possuímos. Somos capazes de aprender, mas igualmente possuímos a incrível capacidade de ensinar. Esta é, inclusive, uma forma eficiente de aprendizado: ensinar.

Partindo desse pressuposto e, considerando ainda que a educação tem o principal compromisso com o melhoramento da pessoa, o processo de ensino precisa favorecer o processo de aprendizagem, permitindo e desenvolvendo as potencialidades intelectuais do ser humano, buscando resultados e possibilitando a mudança e compreensão do mundo, além de promover a melhor relação entre as pessoas, como muito bem definiu o educador Jean Piaget (1948):

O direito à educação (...) não é apenas o direito de frequentar escolas: é também, na medida em que vise a educação ao pleno desenvolvimento da personalidade, o direito de encontrar nessas escolas tudo aquilo que seja necessário à construção de um raciocínio pronto e de uma consciência moral desperta. (PIAGET, 1948, p. 53).

Analisando isso, entendemos a lógica do ensino: lecionar é o mesmo que ofertar condições para o desenvolvimento intelectual do ser humano como um todo. O professor é o facilitador que fornece os estímulos para o desenvolvimento e progresso mental.

Ainda segundo Piaget (1972, p.72): “compreender é inventar ou reinventar, e dar uma lição prematuramente é impedir a criança de encontrar ou redescobrir as soluções por si mesma”. Assim, podemos afirmar que o processo didático parte da atitude de desafiar, adequada e gradualmente nossos alunos, ao longo da caminhada escolar.

Isto posto, este trabalho busca refletir sobre o processo de alfabetização e suas características e tem como objetivo identificar as dificuldades de aprendizagem que se manifestam nesse processo de alfabetização e compreender como a atuação do professor pode auxiliar os alunos na aprendizagem da leitura e escrita. Os problemas de aprendizagem são desafiantes para professores e escolas onde é muito comum a crença que as crianças tenham limitações para aprender quando na verdade a proposta de ensino pode não estar adequada para proporcionar o aprendizado. São questões muito delicadas e que exigem do educador a compreensão para a construção de um planejamento adequado a realidade escolar e cultural de cada indivíduo.

O trabalho busca, então, entender como surgem as dificuldades de aprendizagem na alfabetização, as consequências que elas trazem para a vida da criança e a atuação do professor como forma de favorecer a aprendizagem da leitura e escrita ao longo da caminhada escolar da criança.

Para tanto, na primeira subseção falaremos da alfabetização, suas perspectivas e como ocorre esse processo, promovendo mais do que o ensino do ler e escrever, mas também ressaltando o letrar enquanto compreensão do mundo e interpretação da realidade na qual nos encontramos.

Na segunda subseção ressaltamos as dificuldades de aprendizagem na alfabetização e suas especificidades, destacando a necessidade de considerar as peculiaridades dos alunos para promover uma educação inclusiva e sistêmica. Levantamos a discussão sobre a importância de um currículo que entenda a alfabetização como base da formação e que seja abrangente para alcançar os objetivos de desenvolvimento dos alunos.

Na terceira subseção destaca-se a perspectiva de alfabetizar os alunos com dificuldades de aprendizagem, de forma que o educador se coloque no papel verdadeiro de facilitador, propondo didáticas que orientem o processo, oferecendo materiais que instiguem as crianças a aprender a ler e escrever. Para tanto, o educador deve se preparar teórica e praticamente para conseguir superar os desafios e avançar no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita.

3.1 O processo de alfabetização: concepções e características

Contando de uma forma bem breve, no princípio da humanidade as pessoas se comunicavam através de desenhos, símbolos e por meio da fala. A escrita surge então como forma de organização social passando por inúmeras transformações e evoluções ao longo dos anos até chegar a forma de escrever que usamos hoje.

Com o uso da escrita surge a necessidade da alfabetização, que precisa ser um modo democrático para inserir todas as pessoas ao direito de se desenvolver no uso da leitura e escrita, para que saibam expressar suas ideias e ter participação efetiva no mundo em que vivemos.

O tema alfabetização é complexo e se relaciona com muitos processos. Para a autora brasileira Magda Soares (2006, p. 15) “Alfabetizar significa adquirir a habilidade de

decodificar a língua oral em língua escrita. ” Dessa forma a alfabetização se constrói pelo domínio da técnica das relações entre o som e a letra.

Vivemos no Brasil a triste realidade onde muitas pessoas não conseguem escrever e ler e várias outras que passaram por um processo de alfabetização, mas que não conseguem compreender e interpretar o que estão lendo. Dessa forma, alfabetizar a criança não deve estar relacionado apenas a decifração de códigos, mas precisa estar ligado com a capacidade de compreensão e desenvolvimento da criança. Para Soares (2013):

A alfabetização, além de representar fonemas (sons) em grafemas (letras), no caso da escrita e representar os grafemas (letras) em fonemas (sons), no caso da leitura, os aprendizes, sejam eles crianças ou adultos, precisam, para além da simples codificação/decodificação de símbolos e caracteres, passar por um processo de “compreensão/expressão de significados do código escrito” (SOARES, 2013, p. 16).

Desse ponto de vista, a alfabetização não está ligada somente a decifração e ritos mecânicos da escrita e leitura, mas a uma forma de decodificar, entender e interpretar proporcionando à criança um entendimento do que está aprendendo e como utilizar esse conhecimento adquirido no seu dia a dia. O processo de alfabetização deve ser trabalhado de forma conjunta onde todos os agentes, alunos, pais, professores e a escola, precisam estar envolvidos para que o resultado seja positivo.

O processo de alfabetização começa muito antes da prática da escrita, ela vem desde a aprendizagem da fala, das atividades na educação infantil, que de acordo com Góes (1984):

[...] vai desde a produção de rabiscos e a aprendizagem da fala, passando pela de desenhos e pelo surgimento do jogo simbólico, pela tentativa de escrita e noções rudimentares do sistema escrito, até a produção e convenção dos símbolos do sistema escrito, e a produção e leitura de textos. (GÓES, 1984, p. 3)

O processo de alfabetização deve nos capacitar a, além de ler e escrever, também interpretar um texto. Até 2017, 29% da população brasileira possuía dificuldade para interpretar e aplicar textos¹. Esse percentual se deve ao fato de que, em sua maioria, as crianças não têm suas necessidades de aprendizado atendidas na primeira infância.

¹O dado é do *Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf)*, divulgado em 2018, disponível em <<https://jornal.usp.br/atualidades/escolas-brasileiras-ainda-formam-analfabetos-funcionais/>> . Acesso em 24 de outubro de 2021.

Para superar esse número, fica evidente a importância de construir uma base forte para a jornada educacional que a criança irá percorrer. É comum nos depararmos com casos de alunos cursando a segunda etapa do ensino fundamental, do ensino médio e até mesmo do ensino superior e não se sentirem seguros e preparados para escrever e interpretar situações nos mais diversos conteúdos e disciplinas, o que implica em um processo falho de alfabetização.

Alfabetizar e passar por todos os processos de aprendizagem ainda nos anos iniciais se torna fundamental para que essas práticas favoreçam o desenvolvimento da oralidade, escrita e interpretação. Os conteúdos trabalhados pelo agente de transformação em sala (o professor), além de possibilitar o vínculo necessário para a criança se interessar verdadeiramente pelo aprendizado, o que facilita muito a relação e convívio na escola, ajudam o processo de desenvolvimento da leitura e da escrita, e, principalmente, fazem com que os indivíduos criem a possibilidade de se envolver em práticas sociais, tão dependentes dessas habilidades.

Para o processo de alfabetização fazemos o uso de diversos elementos que favorecem a aquisição do conhecimento da leitura e escrita, como a forma de utilizar o lápis, a maneira de traçar as letras e as ferramentas que o professor pode utilizar para tornar esse processo atrativo e prazeroso para o aluno.

Em relação ao letramento, corroborando com o pensamento de Magda Soares (1999), o letramento é aprender a produzir e compreender textos e ajustar o que escreve de acordo com o objetivo e o contexto, sabendo identificar os gêneros textuais. O processo de letramento é distinto do processo de alfabetização, mas são inseparáveis na aprendizagem da língua escrita. Soares (1999) afirma que:

Quanto à mudança na maneira de considerar o significado do acesso à leitura e à escrita em nosso país – da mera aquisição da “tecnologia” do ler e do escrever à inserção nas práticas sociais de leitura e escrita, de que resultou o aparecimento do termo letramento ao lado do termo alfabetização. (SOARES, 1999, p.19).

Ao longo do processo de alfabetização muitos problemas de aprendizagem surgem nas salas de aula, evidenciando a necessidade de que os professores alfabetizadores estejam sempre aptos a se reinventar e investir em atividades e práticas para o aprimoramento de sua didática. Isso é determinante para escolha dos métodos de ensino seguros e capazes de facilitar o entendimento da criança na compreensão da leitura e da escrita de maneira natural e eficaz, diminuindo assim as dificuldades e traumas que esse momento pode causar.

3.2 Dificuldades de aprendizagem na alfabetização

As expectativas envolvendo o processo de alfabetização das crianças são grandes por parte da escola e dos pais. Em uma sala de aula pode-se deparar com crianças que apresentam pouco ou nenhum tipo de dificuldade na hora de aprender e já outras que encontram mais dificuldades necessitando de uma atenção redobrada por parte dos profissionais educadores.

Não há um consenso entre autores sobre definição do termo dificuldade de aprendizagem. De acordo com Grigorenko e Sternemberg (2003):

Dificuldade de aprendizagem significa um distúrbio em um ou mais dos processos psicológicos básicos envolvidos no entendimento ou no uso da linguagem, falada ou escrita, que pode se manifestar em uma aptidão imperfeita para ouvir, pensar, falar, ler, escrever, soletrar ou realizar cálculos matemáticos. (GRIGORENKO E STERNEMBERG. 2003, p. 29).

Para Smityh; Strick, (2001, p.14) dificuldades de aprendizagem são “... problemas neurológicos que afetam a capacidade do cérebro para entender, recordar ou comunicar informações”, tratando assim de um conjunto de fatores que afetam o desenvolvimento da aprendizagem da criança.

As dificuldades de aprendizagem não estão restritas apenas a causas psicológicas ou físicas, mas está na amplitude de múltiplos fatores, como afirma Scoz(1994):

Os problemas de aprendizagem não são restringíveis nem a causas físicas ou psicológicas, nem a análises das conjunturas sociais. É preciso compreendê-los a partir de um enfoque multidimensional, que amalgame fatores orgânicos, cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos, percebidos dentro das articulações sociais. Tanto quanto a análise, as ações sobre os problemas de aprendizagem devem inserir-se num movimento mais amplo de luta pela transformação da sociedade (SCOZ, 1994, p. 22).

As dificuldades de aprendizagem precisam ser encaradas como um desafio, mas que tem solução. Desafios fazem parte do processo de ensino-aprendizagem e não devem ser motivos para que professores transfiram para o aluno a responsabilidade do sucesso ou fracasso do processo de alfabetização. A complexidade do tema requer um olhar atento e muita dedicação dos profissionais da educação. Os problemas de aprendizagem estão no cotidiano da sala de aula e são muito mais comuns do que podemos imaginar, acompanham muitos alunos em sua trajetória escolar.

Comum também é o diagnóstico de algum transtorno para justificar tais dificuldades. Mol e Wechsler (2008, p.392) afirmaram que “essas crianças, na maioria das vezes, são tratadas pelos professores na escola de forma preconceituosa e são discriminadas, sem que se investiguem suas reais habilidades e potencialidades”.

O processo de aprendizagem oferece à criança acesso ao mundo do conhecimento formal e proporciona que ela se torne agente participativo do próprio entendimento. O papel do professor aqui é ser facilitador nessa expansão de aquisição de saberes em relação ao mundo, impedindo que a criança possa sofrer impactos negativos que atrapalhem o desenvolvimento de sua vida pessoal e escolar.

Inúmeras são as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelas crianças no processo de alfabetização, as quais podem ser ocasionadas pela dislexia, a disgrafia, a disortografia, a discalculia e o TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade). Não nos cabe aqui analisar de maneira aprofundada cada um desses transtornos, mas torna-se importante explicar que os mesmos interferem diretamente na aprendizagem e no desenvolvimento da leitura e da escrita. Dessa maneira é interessante trazer uma breve definição, segundo alguns autores.

Começando pela dislexia que, de acordo com a Associação Brasileira de Dislexia é:

Um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas. (1. ed. 2008. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA)

A Disgrafia é “uma perturbação de tipo funcional que afeta a qualidade da escrita do sujeito, no que se refere ao seu traçado ou à grafia.” (TORRES & FERNÁNDEZ, 2001, p. 127). A Disortografia para Pereira (2008) trata-se de:

Perturbação que afeta as aptidões da escrita e que se traduz por dificuldades persistentes e recorrentes na capacidade da criança em compor textos escritos. As dificuldades centram-se na organização, estruturação e composição de textos escritos; a construção frásica é pobre e geralmente curta, observa-se a presença de múltiplos erros ortográficos e [por vezes] má qualidade gráfica.” (PEREIRA, 2009, p. 9).

A discalculia é “um distúrbio de aprendizagem que interfere negativamente com as competências de matemática de alunos que, noutros aspetos, são normais.” (REBELO, 1998a, p. 230).

O TDAH, de acordo com a Associação Brasileira do Déficit de Atenção, é:

Um transtorno neurobiológico, de causas genéticas, que aparece na infância e frequentemente acompanha o indivíduo por toda a sua vida. Ele se caracteriza por sintomas de desatenção, inquietude e impulsividade. Ele é chamado às vezes de DDA (Distúrbio do Déficit de Atenção). Em inglês, também é chamado de ADD, ADHD ou de AD/HD. (ABDA, 2016)

O diagnóstico da dificuldade enfrentada pelo aluno não é uma tarefa simples de ser realizada, mas é um fator importante para o educador que vê claramente sua interferência e consequências no processo de aprendizagem. Segundo Torres e Ciasca, (2007, p. 19), “são altos os índices de repetência e evasão, e é grande o número de crianças encaminhadas para consultórios médicos, “diagnosticadas” pelas escolas com algum tipo de problema no processo de aprendizagem”.

O ambiente escolar precisa ser um local adequado, que possibilite ao aluno segurança e tranquilidade, oferecendo condições para se desenvolver em sua potencialidade, assim como afirma Lane e Codo (1993):

O meio escolar deve ser um lugar que propicie determinadas condições que facilitem o crescimento, sem prejuízo dos contatos com o meio social externo. Há dois pressupostos de partida: primeiro, é que a escola tem como finalidade inerente a transmissão do saber e, portanto, requer-se a sala de aula, o professor, o material de ensino, enfim, o conjunto das condições que garantam o acesso aos conteúdos; segundo, que a aprendizagem deve ser ativa e, para tanto, supõe-se um meio estimulante (LANE e CODO, 1993, p. 174).

Problemas de aprendizagem tendem a agravar com a situação precária dos espaços escolares. Infelizmente a realidade de muitas escolas em nosso país, que não oferecem infraestrutura seguras e adequadas para toda a comunidade escolar. Um ambiente escolar apropriado, aconchegante e seguro é apenas um dos fatores que contribui para enfrentar os desafios na alfabetização. Profissionais capacitados, atuação pedagógica eficiente, metodologias de ensino adequadas, tudo isso aliado à uma boa estrutura física, motiva a criança a se sentir incluída, a superar os desafios e enfrentar as dificuldades naturais da vida.

Importante destacar que o fato da criança apresentar alguma dificuldade de aprendizagem não significa que elas não consigam aprender. Para Emília Ferreiro, “as crianças são facilmente alfabetizáveis desde que descubram, através de contextos sociais funcionais, que a escrita é um objeto interessante que merece ser conhecido” (FERREIRO, 1999, p. 25). As crianças têm uma capacidade enorme de superar desafios e se desenvolver, desde que recebam o apoio e mediação adequados para cada situação.

3.4 A atuação do/a professor/a alfabetizador/a

O professor alfabetizador deve ir além de ensinar a ler e escrever, muitos acreditam ter concluído seu papel de educador atuando desta forma. O processo de alfabetização exige uma entrega do professor que precisa se empenhar em busca de alternativas e estratégias

pedagógicas que valorizem o conhecimento prévio do aluno, sua condição sociocultural, suas habilidades e sua individualidade; para assim conseguir do aluno uma inserção e maior participação no processo de ensino aprendizagem. O professor tem o importante papel de motivar o aluno para a aprendizagem diminuindo, assim, as chances de dificuldades.

Para tanto, é necessário colocar em primeira necessidade a própria formação do professor alfabetizador, esta formação se dá além da faculdade, pois se constitui também no cotidiano escolar, aprendendo na prática, com as situações reais e com a troca de experiência com demais profissionais do convívio escolar. E assim as dificuldades diárias são ultrapassadas à medida que o professor busca meios de melhorar sua própria prática através de estudos e trocas de vivências.

O educador infantil precisa estar preparado para alfabetização, seu papel é proporcionar vivências significativas de maneira lúdica, em um ambiente que evidencie a leitura e a escrita no contexto letrado, sem negligenciar os alunos que apresentam as dificuldades.

O alfabetizador deve buscar investir em linguagem, pois os alunos fazem parte desse processo comunicativo, onde a leitura é de extrema importância. Agregar leitura e escrita, métodos e ambientes alfabetizadores aliados a professores dispostos, sempre atualizados e que têm uma escuta atenta para a fala das crianças contribui para construir um novo olhar para a realidade.

É preciso refletir também sobre os diversos aprendizados que são vividos pelas crianças em seu cotidiano para que, conhecidos e inseridos dentro da escola, possam embasar o conhecimento da linguagem falada e escrita. Nesse sentido, é fundamental perfilhar que o processo alfabetizador é de interação contínua com a língua, em que os alunos tornam-se produtores e realizam ações de reflexão sobre a linguagem.

Considerando que cada pessoa é singular em seu modo de ser, pensar, agir e aprender, bem como na multiplicidade de alunos em sala de aula, o alfabetizador ocupa papel de destaque na mediação do conhecimento. É preciso também que o professor assuma seu papel de agente transformador do espaço escolar. Dessa forma, deve adequar as práticas de ensino de modo que venha atender as diferenças de aprendizagem dos estudantes, suprir suas misérias, guiar para além das dificuldades, participar da preparação de um Projeto Político Pedagógico (PPP) de acordo com as necessidades das crianças, bem como oferecer material potencialmente significativo e atraente para mediar o aluno no processo de construção do conhecimento. Assim, fica evidente que não basta inserir a criança em uma escola para

adquirir conhecimentos, é necessário que o corpo docente crie um ambiente que permita que toda criança tenha acesso à aprendizagem.

Outro fator que deve ser levantado é importância da afetividade para o processo de aprendizagem do aluno. O afeto deve estar presente na vida da criança para que ela se sinta segura e confiante para aprender. As aulas precisam ser embasadas na empatia e no diálogo, buscando extrair o melhor de cada um para que as crianças consigam se libertar de medos e traumas que possam de alguma forma, interferir no processo de aprendizagem. A falta de afetividade por parte dos professores pode afastar os alunos, trazer insegurança e contribuir para os problemas de aprendizagem.

De acordo com Leite e Tassoni (2002):

[...] o que se diz, como se diz, em que momento e por quê, da mesma forma que o que se faz, como se faz e em que momento e por quê, afetam profundamente as relações professor-aluno e, conseqüentemente, influenciam diretamente o processo de ensino aprendizagem, ou seja, as próprias relações entre sujeito e objeto. Nesse processo de inter-relação, o comportamento do professor, em sala de aula, através de suas intenções, crenças, valores, sentimentos e desejo, afeta cada aluno individualmente (LEITE; TASSONI, 2002, p.124).

Profissionalismo, ética, afeto, dedicação, coerência, inteligência emocional são características indispensáveis à professores que pretendem desempenhar sua função com responsabilidade, voltada na valorização do ser humano e na sua capacidade de transformação. Que o professor esteja na constante busca de aprender para ensinar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho trouxe uma breve explanação das dificuldades de aprendizagem na alfabetização, considerando a complexidade e amplitude do tema. A primeira parte foi organizada por um memorial descritivo com minha autobiografia com a finalidade de trazer uma reflexão crítica da minha trajetória acadêmica e quais as contribuições para a minha formação profissional.

A segunda parte trouxe considerações referentes às principais dificuldades de aprendizagem e suas conseqüências na alfabetização, discutindo assuntos como o processo alfabetização, dificuldades de aprendizagem e atuação do professor alfabetizador.

O tema do trabalho é de muita relevância para a área de Pedagogia, por estar presente no cotidiano de muitas escolas brasileiras, mas é também um assunto muito complexo e

amplo. Tratamos então, de uma forma geral, sobre alguns fatores que podem contribuir para o surgimento dessas dificuldades.

Mostramos que, apesar de todos os desafios, os problemas de aprendizagem na alfabetização podem ser superados através de formação profissional, oferta de um ambiente adequado, metodologias de ensino apropriadas para cada realidade escolar, profissionais de educação dedicados a fazer a diferença com qualidade, competência e afeto.

Para finalizar é ressaltado que professores precisam estar em constante processo de formação e capacitação, entendendo a necessidade de aprender para ensinar. Aprender com as memórias, com as experiências, com a vida acadêmica, com cursos de formação, mas, sobretudo, aprender com o que o aluno tem para ensinar.

5. REFERÊNCIAS

- ABDA. Associação Brasileira do Déficit de Atenção. Todos os direitos reservados. Disponível em: <abda@tdah.org.br<https://tdah.org.br/sobre-tdah/o-que-e-tdah/>>. Acesso em 31 de outubro de 2021.
- ANTUNES, D. P.; NOVAK, J. D.; HANESIAN, H. **Psicologia Educacional**. Rio de Janeiro: interamericana, 1980.
- CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. Petrópolis, RJ. Vozes: 2003.
- CASTANHEIRA, MACIEL, PEREIRA e MARTINS. **Alfabetização e Letramento na sala de aula**, 2010.
- COMENIUS, I.A. **Didática Magna**. 4ª ed. Editora WFM Martins Fontes. 1592-1670.
- FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 1999
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não, cartas a quem ousa ensinar: Ensinar. – aprender** Leitura do mundo – leitura da palavra, 1997.
- GÓES, Maria Cecília R. Critérios para avaliação de noções sobre a linguagem escrita em crianças não alfabetizadas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 49, p. 3-14, mai. 1984.
- GRIGORENKO, Elena L. STERNBERG, Robert J. Crianças Rotuladas - **O que é Necessário Saber sobre as Dificuldades de Aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2003. LIBÂNEO, José Carlos et al. Educação Escolar: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2003
- JORNAL DA USP, Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/escolas-brasileiras-ainda-formam-analfabetos-funcionais/>>. Acesso em 24 de outubro de 2021.
- LAFERRIÈRE, D. **L’Odeurdu Café** (O Cheiro do Café). Paris: Le Serpent à Plumes, 2001. (1991 para a primeira edição, VLB).

LANE, S. T. M.; CODO, W. **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

LEITE, S. A. S.; TASSONI, E. C. M. **A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor**. In: Azzi, Roberta e Sadalla, Ana Maria. (Org.). *Psicologia e Formação docente*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p. 113-141.

MÓL, D. A. R.; WECHSLER, S. M. **Avaliação de crianças com indicação de dificuldades de aprendizagem pela bateria Woodcock-Johnson III**. *Psicologia escolar educacional*, dez. 2008, vol.12, n.2.

OLIVEIRA, J. L. de. **Texto acadêmico: técnicas de redação e de pesquisa científica**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

PEREIRA, R. S. (2009). **Dislexia e Disortografia – Programa de Intervenção e Reeducação** (vol. I e II). Montijo: You!Books.

PIAGET, Jean. **A Construção do Real na Criança**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1948.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação**. In: Piaget. Rio de Janeiro: Forense, 1972.

REGO, T. C. **Trajatória intelectual de pesquisadores da educação: a fecundidade do estudo dos memoriais acadêmicos**. *Revista Brasileira de Educação*, v. 19, n. 58, jul.-set. 2014.

SANTOS, N. M. **Problematização das dificuldades de aprendizagem**. 2009. 24f. Trabalho de conclusão de curso – Universidade Estadual de Londrina. Paraná, 2009.

SCOZ, B. **Psicopedagogia e realidade escolar, o problema escolar é de aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 1994.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2 ed. São Paulo: Autêntica, 1999.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

STRICK, Corine e SMITH, Lisa. **Dificuldades de Aprendizagem de A a Z: um guia completo para pais e educadores**. Tradução Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 2001.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever – Uma proposta construtivista**. Porto Alegre, ArtMed: 2003

TFOUNI, L.V. **Letramento e alfabetização**. São Paulo, Cortez, 1995.4

TORRES, D. I.; CIASCA, S. M. **Correlação entre a queixa do professor e a avaliação psicológica em crianças de primeira série com dificuldades de aprendizagem**. *Revista psicopedagogia*, São Paulo, v.24, n.73, p.18-29. 2007. Disponível em: <http://www.pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010384862007000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 24 de setembro de 2021.

TORRES, R. & FERNÁNDEZ, P. (2001). **Dislexia, Disortografia e Disgrafia**. Amadora: McGrawHill.